



CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO –
LATO SENSU

MARIA LUÍSA CIMINO DE SÁ

AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS
IMPACTOS NA SAÚDE DOS TRABALHADORES

BARBACENA
2020

MARIA LUÍSA CIMINO DE SÁ

**AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS
IMPACTOS NA SAÚDE DOS TRABALHADORES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para obtenção de aprovação, sob a orientação do Professor Márcio de Campos.

**BARBACENA
2020**

Sá, Maria Luísa Cimino de

S11r As relações de trabalho na contemporaneidade e seus impactos na
saúde dos trabalhadores [Manuscrito] / Maria Luísa Cimino de Sá. –
2020.
36f

Orientador: Márcio de Campos
Monografia (Especialização em Psicologia Organizacional e do
Trabalho) – Centro Universitário Presidente Antônio Carlos.

1. Psicologia do trabalho 2. Precarização do trabalho -
Monografia 3. Adoecimento do trabalho 4. Ergonomia da atividade 5.
LER / DORT I. Título II. Centro Universitário Presidente Antônio
Carlos.

CDD 158.7



Centro Universitário Presidente Antônio Carlos
UNIPAC Barbacena

Ata de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso **Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicologia Organizacional e do Trabalho**

Aos 31 dias do mês de julho, do ano de 2020, às 20h30min, por meio de sessão online realizada pela ferramenta BlackBoard Collaborate, Ambiente Virtual de Aprendizagem, do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Campus Barbacena, reuniu-se a banca examinadora composta pelos seguintes membros: Samira Nagem Lima, Kennya Rodrigues Nezio e Márcio de Campos a fim de proceder avaliação da apresentação do trabalho de conclusão de curso da aluna **MARIA LUÍSA CIMINO DE SÁ**, regularmente matriculada sob o número 182-002314. O trabalho, orientado pelo professor Márcio de Campos, teve como título: **AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE DOS TRABALHADORES**. Ao final da apresentação, a banca deliberou e fez as seguintes colocações: Necessidade de melhor explicação e contextualização sobre o volume de produção e pesquisa da área, demarcando o campo específico da Psicologia do Trabalho, tendo atribuído à aluna a nota **100,00**, considerando-a **Aprovada**.

Barbacena, 31 de julho de 2020

Orientador: Professor Especialista Márcio de Campos
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Barbacena

Professora Mestra Samira Nagem Lima

Professora Mestra Kennya Rodrigues Nezio
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Barbacena

Aluna Maria Luísa Cimino de Sá

Maria Luísa Cimino de Sá

**AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE E
SEUS IMPACTOS NA SAÚDE DOS TRABALHADORES**

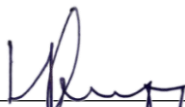
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos -
UNIPAC, como requisito parcial para obtenção
do certificado de Especialista em Psicologia
Organizacional e do Trabalho.

Aprovado em 31/07/2020

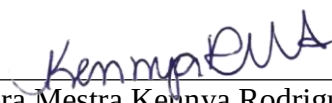
BANCA EXAMINADORA



Professora Mestra Samira Nagem Lima



Orientador: Professor Especialista Márcio de Campos
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC
Barbacena



Professora Mestra Kenya Rodrigues Nezio
Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC
Barbacena

RESUMO

O presente estudo trata-se de um trabalho de conclusão de curso (TCC) baseado no método de pesquisa bibliográfica com enfoque na abordagem da Ergonomia da Atividade (E.A). Apresenta como objetivo central: a análise dos impactos causados na saúde dos trabalhadores frente às relações de trabalho contemporâneas. Assim, para discutir a temática proposta, faz-se necessário retratar a centralidade que o trabalho apresenta na vida do homem e como um ambiente de trabalho precário é capaz de afetar demasiadamente a saúde do trabalhador, causando impactos tão graves que pode afastá-lo temporariamente e/ou definitivamente do mercado de trabalho. À vista disso, o estudo torna-se importante, pois proporcionará um levantamento dos agravos à saúde, acrescidos à análise crítica sobre as novas relações de trabalho que afetam não somente a saúde do trabalhador e estrutura familiar, mas também a organização de trabalho e a sociedade em geral. Os dados viabilizados por meio deste trabalho servirão para a elaboração de práticas de prevenção, promoção e assistência ao trabalhador, assim como, subsídios para reflexões acerca da temática do adoecimento no contexto laboral devido às relações de trabalho contemporâneas. Sendo que, a busca incessante apenas pelo aumento da produtividade e desempenho determinada pelo contexto atual de trabalho, acaba sobrecarregando os trabalhadores, podendo causar diferentes impactos a saúde destes, como o adoecimento ocupacional ou até mesmo a morte por acidente de trabalho.

Palavras-chave: Sentidos do trabalho. Precarização do trabalho. Adoecimento no trabalho. Ergonomia da Atividade. LER/DORT.

ABSTRACT

This study is a course conclusion work (CBT) based on the bibliographic research method with a focus on the Ergonomics of Activity (E.A) approach. It presents as its central objective: the analysis of the impacts caused on workers' health in the face of contemporary labor relations. Thus, in order to discuss the proposed theme, it is necessary to portray the centrality that work presents in the life of men and how a precarious work environment is capable of affecting the health of the worker too much, causing such serious impacts that it can temporarily remove it and / or definitely the labor market. In view of this, the study becomes important, as it will provide a survey of health problems, added to the critical analysis of the new work relationships that affect not only the health of the worker and family structure, but also the work organization and the society in general. The data made possible through this work will serve for the elaboration of practices of prevention, promotion and assistance to the worker, as well as subsidies for reflections on the theme of illness in the work context due to contemporary work relationships. Since, the incessant search only for the increase of productivity and performance determined by the current work context, ends up overloading the workers, which can cause different impacts to their health, such as occupational illness or even death due to an accident at work.

Keywords: Work directions. Precarious work. Illness at work. Activity Ergonomics. LER/DORT.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO	11
2.1 O trabalho, seus sentidos, vivências contemporâneas e impactos na saúde do trabalhador.....	11
2.2 A Ergonomia enquanto referencial teórico e técnico para a promoção da saúde do trabalhador.....	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

As mudanças evidenciadas no mundo do trabalho, sobretudo as inovações tecnológicas e as novas formas de organização do trabalho, acarretaram transformações significativas no modo de trabalhar e, como resultado, impactos sobre a saúde do trabalhador. Dentre os diversos tipos de adoecimentos, destacam-se as Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT).

Dado esse contexto, por meio deste estudo, pretende-se analisar como as novas relações de trabalho podem impactar a vida e a saúde dos trabalhadores. E então, a partir dessa problemática, ampliar a importância da implantação de uma psicologia crítica dentro das organizações.

Para isso, propõem-se analisar as multífaces sobre o significado do trabalho, bem como a vinculação sujeito-trabalho-organização e o adoecimento no trabalho nos contextos atuais. Logo, em seus objetivos específicos, são delimitados: a análise das repercussões das novas relações de trabalho para a constituição da subjetividade e para a saúde dos trabalhadores, bem como as possibilidades de atuação dos psicólogos frente à humanização do trabalho nas organizações; os principais fatores de risco de adoecimento relacionados ao ambiente de trabalho e as possíveis contribuições da Ergonomia da Atividade; e o aumento do número de ocorrências dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) a partir das transformações nas relações de trabalho, e os impactos que estes causam na saúde dos trabalhadores.

De acordo com a Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO (2000) entende-se que, o principal objetivo da ergonomia é promover o bem-estar no ambiente de trabalho. Para isso, tenciona o estudo da adaptação do trabalho ao homem, como forma de propiciar melhores condições de segurança, saúde e qualidade de vida para o trabalhador. Assim, apresenta como foco o estudo do homem, compreendendo suas habilidades e limitações e a forma que ele realiza o seu trabalho.

A metodologia da Clínica da Atividade também se interessa pela atividade de trabalho, tendo em vista a análise e as intervenções nas situações laborais. Segundo Clot (2017), através dessa abordagem, busca-se a compreensão da relação entre o trabalho e a subjetividade. Dessa forma, apresenta-se como propósito a ampliação do poder de ação dos trabalhadores, de modo que exerçam o papel de protagonistas da transformação no ambiente de trabalho.

A visão sócio-histórica, baseada nos princípios de Vygotsky, apontados por Aguiar (2000) também compreende o homem como um ser em movimento, capaz de intervir na

própria história. Assim, busca-se entender aspectos relacionados à subjetividade; para captar as influências que apresentam e que por sua vez refletem no contexto organizacional. Logo, percebe-se a atividade de trabalho não somente como um processo de produção, mas também, como modo de subjetivação. Além disso, fica postulado que é por meio de uma relação dialética entre o sujeito e a sociedade que o homem se constrói.

À vista disso, no decorrer deste estudo é abordado as contribuições e visões da Ergonomia da Atividade, da Clínica da Atividade, e da vertente da Psicologia Sócio-Histórica. Uma vez que, por meio de tais abordagens, percebe-se a possibilidade de criar novas formas de refletir e propor ações tendo em vista a qualidade de vida no trabalho. Ao correlacionar às três visões, compreende-se a necessidade de entender o homem e a importância do trabalho em sua vida, uma vez que o sentido atribuído ao trabalho vai muito além da questão monetária, o que implica no valor que o objeto apresenta para o sujeito.

Apesar de se tratar de um estudo sob o enfoque das contribuições da Ergonomia da Atividade diante dos impactos das relações contemporâneas de trabalho na saúde dos trabalhadores, considerou-se importante abordar de forma sucinta outras visões e fazer um paralelo entre as diferentes perspectivas, tendo em vista o enriquecimento do estudo.

A pesquisa trata-se de uma revisão do tipo narrativa. Optou-se por esse método, tendo em vista a apresentação de uma revisão e a análise crítica acerca de estudos publicados.

Rother (2007) considera que as revisões narrativas podem fornecer contribuições acerca de determinadas temáticas, uma vez que facilitam o levantamento e a apresentação de diversas questões as quais possibilitam a aquisição e atualização do conhecimento. À vista disso, é considerada como essencial para educação continuada. Nesse sentido, a autora reitera que os artigos de revisão narrativa são publicações amplas que objetivam descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto sob um enfoque conceitual e/ou teórico. Logo, ressalta-se que o processo de coleta dos materiais foi realizado de forma não sistemática. Desse modo, foram selecionadas fontes de pesquisa acerca do objeto de estudo, encontradas em: livros, artigos publicados em periódicos, revistas científicas, trabalhos de conclusão de curso, Norma Regulamentadora 17 - NR17. A base de dados científica utilizada foi a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Portanto, destaca-se que as fontes de pesquisa consultadas e/ou utilizadas nesse trabalho são de caráter meramente científico, uma vez que através destas são obtidos embasamento teórico necessário e fidedigno para a construção do estudo. Além disso, a fim de facilitar a busca por fontes específicas, foram inseridas palavras-chave, como: Sentidos do trabalho, Precarização do trabalho, Adoecimento no trabalho, Ergonomia da Atividade, LER/DORT.

Posteriormente à escolha criteriosa e objetiva dos materiais de maior relevância acerca da temática apresentada no estudo, foi realizada a análise crítica dos achados e como resultado, foi elaborada a seguinte revisão com reflexões e considerações sobre como as relações de trabalho contemporâneas repercutem na saúde do trabalhador, bem como as possíveis contribuições da Ergonomia da Atividade na minimização desses prejuízos.

Os resultados da pesquisa apontam para a escassez de estudos específicos realizados no Brasil acerca das contribuições da Ergonomia da Atividade no cenário contemporâneo de trabalho, como também, evidencia o aumento exacerbado de adoecimentos no contexto laboral, por consequência das exigências do capitalismo, visando exclusivamente a intensificação do trabalho e o aumento da obtenção de lucros. Portanto, para compreender a problemática em questão, foram analisados criticamente os materiais categorizados e referenciados, a fim de atender os objetivos propostos. Para isso, buscou-se informações e dados acerca do adoecimento no trabalho e seus impactos na saúde do trabalhador, registrados especialmente pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN e disponibilizados pelo site de monitoramento, SmartLab. Utilizou-se também do aporte encontrado na Norma Regulamentadora 17 – NR17 e na Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO, a fim de obter subsídios para dar justificação, sustentação e validação ao trabalho.

Franco, Druck, Seligmann-Silva (2010) apontam os impactos ocasionados à saúde dos trabalhadores, como consequência das atuais formas de organização, sendo apontado como um problema de saúde pública que afeta os indivíduos em escala crescente.

À vista disso, pretende-se incitar a reflexão para uma visão crítica acerca do real encargo de profissionais da área da Psicologia no contexto organizacional, já que se torna progressivo o número de casos de adoecimento relacionado ao ambiente laboral. Assim, propõe-se contribuir com ações estratégicas que sejam preventivas para a saúde ocupacional.

Por fim, através deste estudo pretende-se analisar e apontar a complexidade da questão dimensionada, dispondo como aporte teórico referenciais em Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), como as contribuições da Ergonomia da Atividade, uma vez que através dessas abordagens são desenvolvidas estratégias na finalidade de melhorar o ambiente de trabalho, onde tende-se aliar o fator humano aos negócios, sem deixar de prezar pela manutenção da saúde do trabalhador. Neste contexto, cabe então a análise acerca das possíveis contribuições das áreas de conhecimento para uma melhor descrição sobre esta relação que causa sofrimento e dor, mas que ao mesmo tempo ocorre satisfação e orgulho.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O trabalho, seus sentidos, vivências contemporâneas e impactos na saúde do trabalhador

Albornoz (2000) afirma que na língua portuguesa a palavra trabalho, tem sua origem no latim, *Tripalium*, que era um instrumento feito de três paus aguçados, por vezes preparados com pontas de ferro, usado pelos agricultores para bater o trigo e as espigas de milho. Além disso, o autor destaca que o termo trabalho apresenta muitas significações, dentre elas aparecem: satisfação e realização como também podem estar correlacionadas ao sofrimento, tortura e dor, entre outras acepções. Portanto, em uma percepção geral, o trabalho está vinculado à necessidade de o homem identificar-se com sua obra, onde através desta objetiva conquistar o reconhecimento social. (CAMPOS; SARAIVA,2014)

Rohm e Lopes (2015) destacam o trabalho como fator central na vida das pessoas, sendo uma condição fundamental na existência humana, uma vez que é através do trabalho que o homem constitui a sua realidade e identidade, estabelece suas relações grupais, transforma-se e sustenta a sua conexão com a natureza a fim de promover a manutenção de sua existência bem como, a satisfação de suas necessidades.

Já que o trabalho permanece como um fator que é central na vida de boa parte dos indivíduos, considera-se a capacidade de trabalhar como um dos pilares da saúde mental, sendo a ausência do trabalho uma ameaça à saúde do sujeito. No entanto, quando o trabalho ocupa, de maneira exagerada, a vida e o cotidiano do ser humano, de modo que ele é coagido a abrir mão de momentos de lazer e descanso em prol do trabalho, o exercício laboral ocupa, significativamente, uma dimensão prejudicial à liberdade do sujeito, que se vê obrigado a dedicar toda sua vida em função do trabalho.

Portanto, esse estudo torna-se relevante, à medida que aumenta o índice de casos referentes a acidentes de trabalho e doenças ocupacionais no Brasil. Em conformidade com o agravamento da situação, foi elaborada a Norma Regulamentadora 17 (NR17), que apresenta como objetivo, medidas de adaptação a fim de proporcionar melhores condições de trabalho, especialmente relacionados à garantia de segurança, comodidade e aumento da eficácia, isto é, adaptar o local de trabalho as características físicas e psicológicas do trabalhador. (BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego, 2002).

Logo, através do estudo propõe-se contribuir com referências que mostrem a importância da ergonomia para evitar e/ou minimizar os impactos acometidos à saúde dos trabalhadores em decorrência das novas relações de trabalho marcada por acentuados riscos

psicossociais e organizacionais. Além disso, os resultados da pesquisa apontam a escassez de estudos brasileiros sobre o tema, ou melhor, percebe-se a carência de referências acerca das contribuições da Psicologia do Trabalho à luz do aporte teórico-metodológico da Ergonomia da Atividade. Sendo que, a maior parte dos materiais publicados se referia as contribuições da engenharia ergonômica sob o enfoque dessa abordagem. Assim, a pesquisa torna-se ainda mais pertinente, visto que o campo da Psicologia do Trabalho aliado aos princípios da Ergonomia visam melhores relações de trabalho, compreendo o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores, como a produtividade e a eficiência organizacional.

Foram realizadas consultas em site de mapeamento, especificamente no SmartLab, a fim de obter dados acerca dos percentuais de acidentes decorrentes do trabalho - registrados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

De acordo com os dados apurados pelo observatório de segurança e saúde no trabalho – SmartLab, no ano de 2018, foram notificados 340,8 mil casos referentes ao adoecimento no trabalho no Brasil. Entretanto, ressalta-se que esses números referem apenas as doenças e agravos analisados e/ ou constatados pela Vigilância em Saúde do Trabalhador do Ministério da Saúde. O total inclui os seguintes casos: Acidente de Trabalho Grave, Câncer Relacionado ao Trabalho, Dermatoses Ocupacionais, Acidente de Trabalho com Exposição a Material Biológico, Intoxicação Exógena Relacionada ao Trabalho, Ler/DORT, Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR) Relacionada ao Trabalho, Pneumoconioses Relacionadas ao Trabalho, Transtornos Mentais Relacionados ao Trabalho e Acidente de Trabalho Grave envolvendo Crianças e Adolescentes (0 a 17 anos).

Assim, ao analisar o gráfico disponibilizado pelo site de monitoramento, verifica-se que no período de 2007 a 2018, houve um aumento de 362% de notificações de adoecimentos relacionados ao trabalho, justificando a necessidade de estudos acerca dessa temática, como intervenções e elaborações estratégicas a fim de minimizar esse problema que se torna cada vez mais agravante. Sendo que a ausência de ações de prevenção e promoção de saúde intensificará ainda mais essa vulnerabilidade, implicando em maiores danos para a saúde do trabalhador e mais custos para a organização.

Além do mais, no mesmo ano, constata-se 8.005 casos de adoecimentos por Lesões por Esforços Repetitivos e Distúrbios Osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT), registrados também pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Portanto, ao fazer um paralelo, obtém-se a informação que no período de 2007 a 2018 houve um aumento significativo de 148% de casos notificados de LER/DORT.

Comprovando os crescentes impactos à saúde dos trabalhadores em consequência das relações de trabalho contemporâneas.

A partir de então, subentende-se que os riscos ergonômicos estão presentes e afetam a saúde do trabalhador, resultando em severos prejuízos no seu desempenho, como também ocasionando vários danos, o que caracteriza o aumento do índice de adoecimentos ocupacionais.

De acordo com o Ministério da Saúde (2018), torna-se imprescindível, ações preventivas para situações de agravos das LER/ DORT, preconizando alerta e atenção dos empregadores quanto à Norma Reguladora 17, que determina parâmetros que viabilizam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores.

Logo, reiteram que ao se tratar dos setores ocupacionais, a maior ocorrência da doença foi em profissionais que trabalham em indústrias, comércios, setor de alimentação, transporte e serviços domésticos/limpeza. Com isso, ressalta-se que os profissionais mais afetados, foram: operadores de máquinas fixas, alimentadores de linhas de produção e faxineiros.

Dado o exposto, cabe a reflexão das implicações e/ou impactos das novas modalidades de trabalho na saúde do trabalhador, visto que com o aumento da produtividade e intensificação do trabalho são exigidos ritmos de trabalho cada vez mais acelerados, apresentando como uma das consequências o aumento das LER/DORT. Além do mais, ressalta-se as condições precárias de trabalho, como o fato de os trabalhadores permanecerem por muito tempo em uma mesma posição, juntamente com as longas jornadas de trabalho permeada pela alta repetitividade na execução das tarefas, torna-se um fator agravante para a saúde do trabalhador, resultando muitas vezes no adoecimento do mesmo.

Sendo assim, por meio deste estudo será viabilizado contribuições para reflexões acerca do adoecimento do trabalhador frente às relações de trabalho contemporâneas a luz das contribuições da ergonomia da atividade, visando especialmente à promoção da saúde dos trabalhadores, a fim de transformar essa realidade exacerbada de adoecimentos no meio laboral.

Para isso, utilizou-se dados coletados através de referências bibliográficas sobre as ocorrências de agravos e adoecimentos do trabalhador no contexto de trabalho, especialmente por Distúrbios Osteomusculares relacionados ao trabalho, para que a partir dos conhecimentos obtidos, favorecer por meio deste trabalho de conclusão de curso (TCC) contribuições para práticas de prevenção, promoção e assistência ao trabalhador nas organizações.

Compreende-se que o conceito de trabalho envolve múltiplos significados, os quais variam de acordo com o sentido que cada ser humano confere a esta atividade. Segundo Albornoz (2000), o trabalho pode se referir tanto à realização de um ofício, que permite ao indivíduo a conquista de um reconhecimento social, tanto a um esforço rotineiro, repetitivo e que anula o indivíduo de exercer sua liberdade. Em ambos os significados, o trabalho diz respeito a uma ocupação que para além de garantir ao indivíduo o sustento de suas necessidades básicas, faz parte da construção da identidade do sujeito, bem como do modo com que cada um planeja sua vida e determina seus objetivos.

Assim, Codo (1985) aponta a importância do trabalho para o homem, destacando-se a centralidade e o significado que este apresenta para a constituição psíquica dos indivíduos. Dessa forma, o autor afirma que o trabalho é considerado a única forma que o homem tem de criar, podendo estar relacionado ao prazer, como também ser o responsável pelo tédio e tortura, simplesmente pelo fato do trabalho ser meio de vida do homem.

Mergener, Kehrig e Traebert (2008) também reiteram a centralidade do trabalho na vida das pessoas, uma vez que esta pode ser notada a partir da busca crescente pela inserção no mundo do trabalho. Entretanto, mencionam também, as repercussões negativas provocadas pela perda ou permanência das condições de trabalhador. Assim, afirmam que em decorrência das inovações tecnológicas, associadas às mudanças nas relações de trabalho, muitas são as contribuições e benefícios para a sociedade em geral, mas também muitos são os fatores negativos para a saúde do trabalhador. Dessa forma, apresentam-se como constantes desafios para a área de saúde coletiva.

Marques, Martins e Sobrinho (2011) afirmam que o trabalho é uma construção sócio-histórica e que está em constante mudança. Segundo os autores, o trabalho é formado por fenômenos mutáveis e por isso é um processo instável, que se estabelece em cada posto de trabalho e em cada trabalhador.

Campos e Saraiva (2014), por sua vez, retratam as representações e sentidos do trabalho para um grupo de trabalhadores que vivenciou as etapas da demissão. A partir dos estudos realizados pelos autores, constata-se que o trabalho nasce a partir de uma necessidade, sendo a ação do homem sobre a natureza, uma construção sócio-histórica, onde o homem ao intervir no mundo produz algo, o produto. Assim, pontuam que o trabalho tem um valor pessoal para o sujeito, uma vez que existe a identificação para com o objeto. Nesse sentido, o trabalho tem a ver com o prazer e com a necessidade do homem identificar-se com sua obra. Seguindo essa perspectiva, os autores enfatizam que o ato de produzir no trabalho representa

não só o produto do esforço, mas também o próprio indivíduo, que produz um objeto factível e se constrói e reconstrói continuamente. Dessa forma, os produtos do trabalho em sua forma objetiva estão relacionados ao objeto, a criação e ao processo que resulta no produto. Em sua parte subjetiva, há uma preocupação com as emoções, sentimentos, sofrimento e possibilidades, tendo como centro o homem. Em síntese, reiteram a importância e a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos, sendo este considerado como um agente de regulação e pertença a grupos sociais. De modo que estar trabalhando significa pertencer à classe de trabalhadores e implica no sentimento de identidade e reconhecimento social.

Desta forma, entende-se que o conceito de trabalho é bastante amplo, visto que é uma atividade que possibilita ao sujeito o seu crescimento enquanto pessoa humana, seja pela capacitação contínua que adquire mediante o uso de suas competências, ou então pela percepção de que, com o trabalho, o sujeito se torna útil para mostrar sua importância perante a sociedade, interferindo nos processos de individuação e subjetivação.

Marx (2002) definia o trabalho como uma força criativa que permite ao homem a capacidade de transformar a si mesmo e a natureza, e o significado disto é que, a partir do trabalho, o sujeito executa diversas atividades que favorecem a criação de recursos para melhorar a sua vida e a vida em sociedade. Entretanto, quando ocorrem situações que restringem a liberdade do trabalhador, que se torna mobilizado a realizar seus serviços de maneira autômato, sem poder expressar sua identidade ou até mesmo expandir os vínculos sociais por meio do trabalho, tendo em vista que o trabalhador não vislumbra somente a remuneração por seus serviços, ocorre o adoecimento psíquico do sujeito.

Logo, entende-se que o trabalho pode ser fonte de liberdade quando é repleto de oportunidades para o sujeito utilizar suas ideias, seus conhecimentos e sua criatividade para executar as atividades que lhe são propostas, como para efetivar suas escolhas em realizar outras tarefas além da função que lhe é designada, sendo capaz de exercer sua análise crítica com relação ao trabalho, sem sofrer nenhum tipo de retaliações. Sendo que, só assim serão consolidadas as chances de expandir as interações interpessoais, de modo que o trabalhador possa encontrar, através de suas funções e seu ambiente de trabalho, um meio de atingir bem-estar. No mais, a concepção de trabalho considerada como fonte de limitação da liberdade desencadeia o adoecimento do trabalhador.

De acordo com Seligmann-Silva et al. (2010) são múltiplas as características do trabalho na contemporaneidade que causam riscos à saúde dos trabalhadores, tais como: a exposição a agentes tóxicos, altos níveis de ruído, situações de risco à integridade física, como também as formas de organização do trabalho e as políticas de gerenciamento que

desconsideram por completo os limites do trabalhador, sejam eles, físicos ou mentais. Por consequência disso, ocorre a anulação de sua subjetividade para que a produção não seja prejudicada e as metas estabelecidas sejam devidamente cumpridas.

Franco (2011) aponta que através da mecanização e informatização do trabalho, fruto do capitalismo, ritmos de trabalho são intensificados subordinados a controles rígidos de produtividade. Segundo o autor, a vontade de anular quaisquer práticas de resistência dos trabalhadores e a tentativa de consagrar a imagem da empresa como o espaço sem conflitos, previsível, eficiente, dentre outros, impulsionou a materialização da base objetiva do processo de trabalho. Diante das transformações no mundo contemporâneo de trabalho, destaca-se o trabalho alienado e suas repercussões na saúde do trabalhador. Isso ocorre quando há uma ruptura dos direitos bem como a precarização do trabalho via flexibilização do mercado de trabalho. A partir disso, o autor reitera que os avanços tecnológicos surgem para aumentar a produtividade e estimular e/ou garantir a competitividade. Com isso, os trabalhadores passam a ser considerados instrumentos, recursos no mundo da produção e do trabalho. Assim, como resultado apresenta-se a alienação do trabalhador, uma vez que este não tem acesso e nem conhecimento acerca do produto final, visto que faz parte de uma atividade totalmente fragmentada.

À vista disso, entende-se que a alienação do processo de trabalho ocorre quando a atividade é marcada pela execução dos serviços de uma maneira mecanizada e/ ou robotizada, de forma que o trabalhador para manter-se em seu emprego, deve desempenhar um alto índice de produtividade. Além disso, cabe a ponderação que quando o trabalhador realiza as suas funções de modo autômato, sem direitos de questionar ou de contribuir com suas ideias e conhecimentos adquiridos por meio de experiências e especializações, programado apenas para cumprir as metas da empresa, o adoecimento psíquico pode vir como uma das consequências, já que o trabalhador torna-se reduzido a um mecanismo que gera lucros para a organização.

De acordo com os estudos de Simabukulo et al. (2006), no trabalho intitulado “Energia, Industrialização e Modernidade – História Social”, percebe-se que o trabalho na Modernidade foi todo movimentado pela Revolução Industrial, a qual pode ser dividida em três vertentes: a invenção da máquina a vapor, o desenvolvimento da eletricidade e o desenvolvimento dos computadores. Mediante estes consideráveis e indispensáveis avanços, tornaram-se intensas também as exigências por maiores qualificações nas habilidades laborais, visto que a expansão das máquinas gerou a substituição e a dispensa de muitos trabalhos desempenhados pela força humana.

Para Navarro (2003 apud KADOOKA; EVANGELISTA; SCHMIDTG; LUCCA, 2013) a exploração da força de trabalho é considerada uma das principais características do novo padrão de acumulação de capital, que advém a partir do emprego de novas tecnologias e novas formas nas relações e organização do trabalho.

Assim, constata-se que após a Revolução Industrial, com o aparecimento de inovações tecnológicas, bem como de novos modelos de produção, surgiu-se novas formas de organização e por consequência, o desaparecimento de empregos permanentes, uma vez que foi concedido espaço a padronização, onde qualquer pessoa pode desempenhar determinada função e assim, o trabalhador ser rapidamente substituído. Diante disso, pelo medo do desemprego, o trabalhador torna-se mais vulnerável e sujeito as formas de dominação, isto é, passa a ser cada vez mais alienado e submisso às exigências da organização, resultando no sofrimento e até mesmo o adoecimento deste.

As exigências do trabalho estão associadas ao ambiente, processo e a própria organização do trabalho, que por sua vez, pode refletir de forma negativa na saúde do trabalhador. Portanto, o desequilíbrio entre esses fatores: recursos mentais e exigências do trabalho podem acarretar sofrimento e posteriormente o adoecimento do sujeito.

Portanto, pode-se dizer que o trabalho possui fortes influências e impactos na saúde do trabalhador, a ponto de prejudicar ou aumentar o sofrimento, causando possíveis adoecimentos.

Portanto, Zanelli (2002) afirma que as transformações no mundo de trabalho, devido à reestruturação produtiva, causam impactos profundos na dimensão social e na ação individual. Uma vez que são exigidas novas contextualizações das organizações e do próprio significado do ser profissional. Para isso, considera necessário desenvolver novas estratégias a fim de contribuir com os objetivos da organização, mas sem deixar de dar atenção ao ambiente, segurança e qualidade de vida no trabalho. Logo, apresenta-se fundamental a atenção voltada para a análise da atuação e/ou ação dos psicólogos frente às redefinições estratégicas que as mudanças no mundo contemporâneo têm estabelecido.

Ainda de acordo com o autor, os processos que dão base à elaboração e a condução estratégica são questões que se referem às atribuições do psicólogo. Diante disso, reitera a necessidade de compreender os processos da formação da identidade humana, dos processos grupais, da reestruturação produtiva, dos avanços tecnológicos, entre outros. Para que assim, o profissional atue como agente de mudanças, favorecendo melhorias na qualidade de vida dos trabalhadores para além do contexto laboral.

O desenvolvimento tecnológico contribui com o surgimento de novas modalidades profissionais, enquanto outras profissões têm sido dispensadas e substituídas pelo trabalho desenvolvido pelas máquinas. Em um futuro marcado por incessantes e velozes avanços nas tecnologias, a tendência é que as profissões caracterizadas por tarefas manuais e braçais caiam em desuso, e dessa forma, as organizações têm exigido de seus trabalhadores o desempenho de habilidades como flexibilidade, adaptabilidade, versatilidade, interesse por novos e diversos aprendizados, capacidade de propor ideias e soluções inovadoras.

Assim, Rohm e Lopes (2015) problematizam que, do trabalhador atual, são exigidas características como flexibilidade, abertura a novas experiências e boa adaptabilidade aos diferentes ambientes. Essas habilidades são exigidas não só para facilitar o processo de adaptação as novas tecnologias, mas também devido à falta de garantias que preveem a permanência do trabalhador em uma organização.

De acordo com Mattoso (1996 apud KADOOKA; EVANGELISTA; SCHMIDTG; LUCCA, 2013), apesar de encontrar profissionais mais qualificados e multifuncionais a partir das mudanças relacionadas aos novos modelos de organização da produção, o mundo do trabalho está caótico, uma vez que frente a este contexto, aumentaram-se os casos de desemprego, subemprego, exclusão social, sindicatos enfraquecidos e precarização do trabalho. Assim, pode-se dizer que o mundo do trabalho contemporâneo traz vários impactos expressivos à saúde dos trabalhadores.

Além disso, ressalta-se que a necessidade de capacitação profissional do trabalhador para operar os novos recursos tecnológicos, a partir da Revolução Industrial, foi centralizada na finalidade de atender aos interesses do capitalismo, sistema econômico que se expandiu e que gerou, como principal consequência, a busca incessante pelo lucro através do trabalho. Neste sentido, o lucro fomentou os diversos contextos trabalhistas, de modo que o trabalhador buscava pelo emprego a fim de obter o lucro, e os donos do capital visaram expandir e aprimorar o número de trabalhadores mediante o interesse em ativar o potencial lucrativo.

E então, Lopes (2009) pontua que em conformidade com as novas relações de trabalho, numa sociedade marcada pela instantaneidade, os profissionais encontram-se cada vez mais competitivos. Tudo isso, em consequência das constantes exigências por produtividade, qualidade, ameaça da perda de emprego, dentre outros fatores que impulsionam práticas meramente individualistas. Logo, Backes (2012) declara que devido as frequentes mudanças no contexto organizacional, como modificações no ambiente, programas, estratégias, comportamento, visando apenas a permanência e o reconhecimento da

marca no mercado de trabalho, ocorrem impactos na subjetividade do trabalhador, refletindo assim, no bem-estar, como também nas relações sociais no trabalho.

Assim, Dacheri e Goldschmidt (2007) afirmam que em consequência das reestruturações do trabalho, torna-se necessário a constante capacitação do trabalhador, visto que a partir das inovações tecnológicas, novos processos de produção são implementados e com isso o uso da força humana diminui. Portanto, os autores também refletem acerca dos impactos ocasionados à saúde do trabalhador, dado que através dos novos contextos de trabalho, as relações sociais e laborais são banalizadas, resultado da intensificação do uso da tecnologia, evidenciados por meio das pressões vivenciadas, controle e monitoramentos excessivos a fim de assegurar apenas o capital do empregador. Por isso, os autores ressaltam a importância da preservação da privacidade e intimidade no ambiente de trabalho, como direitos fundamentais dos trabalhadores.

Ao levarmos em consideração apenas uma lógica capitalista, as pessoas trabalham porque precisam do dinheiro para garantir sua própria subsistência, e dessa forma não há necessidade de identificação com o objeto, não é preciso apresentar e/ou fazer sentido. Assim, o homem produz parte do produto, o que na maior parte das vezes é adocedoro, já que ele não tem espaço para a simbolização dentro da organização, o que resulta em um quadro patológico. Além disso, pode-se acrescentar e afirmar que na sociedade capitalista o trabalho informal não tem muito valor, uma vez que é capaz de suprir somente uma necessidade pessoal, precisando o indivíduo empregar-se em um trabalho formal, para que tenha estabilidade, status e reconhecimento social.

Como consequências marcantes deste fenômeno no atual contexto laboral, podem-se destacar: o aumento da competitividade no mercado de trabalho, tendo em vista a intensificação de exigências por qualificação e experiência profissional, de modo que quanto mais capacitado, maior é a probabilidade para atingir o lucro; a exploração dos trabalhadores a fim de aumentar o lucro dos donos do capital; o crescimento da migração aos centros urbanos, onde é maior a concentração dos avanços tecnológicos; e a concentração de uma maior parte dos dias nos locais de trabalho, gerados pela necessidade imposta ao trabalhador de se deslocar do ambiente residencial para desenvolver seus serviços dentro dos polos industriais e empresariais. Pode-se salientar, também, a busca pela estabilidade profissional, que fez com que muitos trabalhadores deixassem o trabalho autônomo para se vincular a organizações, além da saída das mulheres do trabalho doméstico para conquistarem as vagas de empregos disponibilizadas pelas empresas.

Em outras palavras, Lopes (2009) aponta que entre as principais características desse novo contexto são: a precarização do trabalho, maior competitividade do mercado, práticas individualistas dos colaboradores, inovação da produção, exigência por maior qualificação profissional e redução dos postos de trabalho.

Santos e Nepomuceno (2008) afirmam que as novas tecnologias representam o artefato moderno usado pelo capital em meio ao processo de nova estruturação produtiva e organizacional na busca incessante pelo aumento da produtividade.

Logo, mediante a intensificação do ritmo de trabalho, é imposto ao trabalhador, adequações às exigências organizacionais e tecnológicas. Com isso, o trabalhador sofre pressões por demandas de maior produtividade, tarefas com alto nível de cognição e qualificação, aumento das jornadas de trabalho, dentre outras situações que acabam por desencadear sentimentos de impotência, perda de identidade, baixa autoestima, ansiedade, tendo repercussões também no meio familiar e social. (KADOOKA et al.,2013)

Então, partindo desse pressuposto é possível afirmar que, através da intensificação do trabalho, o adoecimento no contexto laboral aumentou de forma bastante significativa, resultante das constantes pressões por altas metas de produtividade, sem considerar o fator humano. À vista disso, pode-se correlacionar o surgimento dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) com o emprego de novas tecnologias e as transformações do trabalho.

Logo, os DORT são considerados um quadro de adoecimento ocupacional caracterizados por lesões nas articulações, músculos, nervos e tendões, devido a frequentes sobrecargas físicas e cognitivas, incluindo movimentos repetitivos em um curto espaço de tempo, condições de trabalho desfavoráveis e estresse profissional. Como resultado, são capazes de provocar sérios agravos à saúde do trabalhador.

Além disso, por consequência das lesões, nota-se constantes afastamentos do trabalho por curtos e/ou longos períodos, por conta da incapacidade temporária ou permanente, que compromete não apenas as atividades laborais, mas também os afazeres cotidianos, impactando a vida do trabalhador em vários aspectos, entre eles: sintomas de intensas dores e perda da força e movimentos, tornando o sujeito dependente e o sentimento de inutilidade por não conseguir contribuir com o seu trabalho.

Cabe, portanto, a reflexão sobre a forma com que o trabalho, assim como o desejo de adquirir sucesso profissional, induz o trabalhador a abrir mão de seus valores pessoais em prol dos valores difundidos nas organizações, fazendo com que o trabalhador assuma uma identidade que corresponda ao que é imposto pela cultura organizacional, precisando assim,

remodelar toda sua rotina e seus aspectos da vida pessoal para dedicar-se à carreira profissional.

A divisão social do trabalho dentro do capitalismo monopolista se estrutura mediante a inserção dos trabalhadores em cargos e funções. Para se atingir um produto final, são necessários vários e pormenorizados processos, e cada um deles é desempenhado por distintos trabalhadores. Não é mais a mesma pessoa que elabora todas as etapas do produto. Existem os responsáveis pela fabricação, montagem, acabamento e outras etapas, assim como os responsáveis por divulgar o produto no mercado, e várias outras funções, em um modelo de divisão que objetivou maior rapidez e aumento da qualidade na linha de produção. Vale ressaltar que, com a nova divisão social, muitos responsáveis pela fabricação não têm acesso ao consumo do produto fabricado.

Logo, de acordo com os pressupostos de Karl Marx (2002), a alienação do produto ocorre pelo fato de o trabalhador não deter nem dominar os meios de produção, apenas reproduz as ordens e os modelos impostos pelos gestores organizacionais. Desta maneira, a execução do trabalho humano se assemelha ao trabalho de uma máquina, de forma que, se o trabalhador não adquirir as habilidades necessárias para operar determinado equipamento, sua mão-de-obra é descartada.

Ainda de acordo com Marx (2002), a emancipação do ser humano e da sociedade é um processo que é relacionado e possibilitado somente pela emancipação dos trabalhadores. Esta afirmação é elaborada pelo seguinte fato: se o capitalismo fomentou a construção de toda uma dimensão ideológica que naturaliza a exploração do trabalhador e o não-acesso dos trabalhadores aos produtos que fabrica, é necessário que a classe operária se revolucione, para assegurar seus direitos perante a sociedade, não se submeter a regimes de opressão e lutar pela aquisição de sua valorização enquanto trabalhadores, em prol de maior qualidade de vida no ambiente e nas relações de trabalho.

Segundo Lhuillier (2006), para que o prazer seja encontrado dentro do contexto de trabalho, é necessário que a pessoa reconheça que as ações desempenhadas sejam suas, isto é, que os serviços sejam correspondentes a seus próprios valores, desejos e ideais, de modo a adquirir o reconhecimento de si e o reconhecimento também do outro.

Dado o exposto, compreende-se que para muitas organizações o trabalhador é visto como um sujeito que presta seus serviços apenas para satisfazer suas necessidades financeiras, e por essa razão, poucas ações são executadas em prol da qualidade de vida no trabalho. Entretanto, sabe-se que para os indivíduos o ato de trabalhar não se atém unicamente a necessidade de sobrevivência e sim a diversos outros fatores. Ao trabalhar o indivíduo

estabelece objetivos e tem a possibilidade de se reconhecer como autor de sua obra, para além da construção de uma subjetividade e sentimentos de realização.

Logo, faz-se necessário uma atenção especial para a saúde ocupacional, uma vez que esta pode ser considerada uma estratégia fundamental, sendo que não visa apenas a preservação da saúde dos trabalhadores, mas também a contribuição para a organização, tendo em vista a produtividade, a qualidade dos produtos, a motivação/satisfação no trabalho e a sociedade em geral.

2.2 A Ergonomia enquanto referencial teórico e técnico para a promoção da saúde do trabalhador

Zanelli (2002) afirma a importância do psicólogo no contexto organizacional, uma vez que este tem sua atuação direcionada para desenvolvimento de práticas estratégicas para melhorar o ambiente de trabalho. Entretanto, o autor completa que para isso, exige-se uma atuação competente e focada em compreender os fenômenos correlacionados a vida do trabalhador e seu ambiente de trabalho, como também, demanda a capacidade para lidar com as modificações decorrentes das novas relações de trabalho, pautadas pelo desenvolvimento tecnológico. Para tanto, o profissional deve ser visto como agente de transformações, tencionando a contribuição para uma gestão estratégica, que proporcione melhorias na qualidade de vida dos trabalhadores e um maior desempenho para a organização, incluindo o engajamento dos profissionais, consequentemente o aumento da produtividade e a redução de custos. Logo, é preciso a inclusão de políticas, estratégias, estrutura, tecnologias e o alinhamento da gestão de pessoas à estratégia organizacional.

Além disso, Ferreira (2008) destaca o valor de estudos acerca dos princípios da ergonomia pautados em ações que visem à qualidade de vida dos trabalhadores, já que o trabalho exerce papel central na vida do indivíduo, até mesmo na vida em sociedade.

Portanto, de acordo com Mesquita et al. (2015) a Ergonomia da Atividade (E.A), junto a Clínica Psicodinâmica do Trabalho (CPDT), podem fomentar e colaborar com estudos acerca dos riscos ergonômicos, organizacionais e psicossociais no ambiente laboral, uma vez que através das contribuições das áreas de conhecimento, desenvolve-se maiores possibilidades de mudanças nas novas relações de trabalho, visando especialmente soluções mais amplas e eficazes quanto a saúde do trabalhador e, por consequência, benefícios para a própria organização de trabalho. Segundo os autores, ambas as doutrinas apresentam um papel fundamental nos estudos brasileiros, como também em outros países, tais como: França

e Canadá, a respeito de aspectos envolvendo as relações da organização de trabalho e o processo de saúde e doença.

Ainda de acordo com os autores, a sociedade enfrenta desafios diariamente no que se refere à compreensão, acompanhamento e controle dos riscos advindos do trabalho, que por sua vez, é bastante complexo, crescente e frequentemente despercebido, sendo considerado por muitas vezes perigoso. Diante disso, acrescentam que a partir das novas relações de trabalho, as atividades passam a ser mais intensas e rigorosas, uma vez que através das transformações no modelo de produção estabelecido por subvenções tecnológicas são exigidos ritmos de trabalho cada vez mais acelerados.

Diante disso, a fim de contribuir com reflexões acerca das relações de trabalho na contemporaneidade e seus impactos na saúde dos trabalhadores, considera-se o enfoque teórico-metodológico da Ergonomia da Atividade (E.A), dado que muito dos casos de doenças ocupacionais acontecem em consequência dos riscos ergonômicos no contexto laboral.

De acordo com Lida (2005) pode-se notar os princípios da ergonomia desde o período pré-histórico, quando o homem optou por uma pedra que melhor se adaptasse para utilizá-la como ferramenta de trabalho. Sendo a ação do homem sobre a natureza, a fim de atender a suas necessidades. Com a revolução industrial, o contexto mudou por completo. Uma vez que com o surgimento das primeiras fábricas as condições de trabalho eram bastante precárias, marcadas por jornadas de trabalho prolongadas, sem férias, tarefas repetitivas, chefes autoritários, entre outros.

Diante disso, Ferreira (2008) afirma que a ergonomia sempre esteve vinculada com o movimento operário, visando transformações no ambiente de trabalho e atender as demandas sindicais no sentido de proporcionar melhorias na qualidade de trabalho e assim, assegurar a saúde dos trabalhadores.

Porém, segundo Lida (2005) a ergonomia só alcançou o reconhecimento de um preceito mais formalizado a partir de 1950, com a criação da Ergonomics Research Society, na Inglaterra. E, por conseguinte, diversos percursores da teoria se empenharam em ampliar os seus conhecimentos acerca do estudo da ergonomia, tendo em vista a aplicação prática nos setores industriais.

De acordo com a Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO), no ano de 2000, foi apresentada a seguinte definição para a disciplina: É o estudo das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, com o intuito de desenvolver e aplicar intervenções e projetos que possam contribuir para o bem-estar, segurança, comodidade e desempenho das

atividades. À vista disso, através da aplicação dos preceitos da ergonomia, pretende-se minimizar erros e acidentes, como também estresse e fadiga dentro do contexto laboral.

Ainda de acordo com a ABERGO, os ergonomistas atuam na realização do planejamento, projeto e avaliação de tarefas, postos de trabalho, produtos, ambientes e sistemas, tornando-os adaptáveis e/ou compatíveis com as necessidades, habilidades e limitações das pessoas. Para isso, torna-se imprescindível investigar o trabalho de forma integral, ou seja, conter os aspectos físicos, cognitivos, sociais, organizacionais, ambientais, dentre outros.

Mesquita et al. (2015) afirma que preocupar-se com a força de trabalho é necessário e fundamental tanto para as organizações como para a sociedade em geral, visto que os trabalhadores são o apoio e sustento da organização, já que é por meio das atividades realizadas que contribuem para o desenvolvimento da empresa. Dessa forma, garantem que é preciso esforços por parte dos gestores para reconhecer e/ou diferenciar as variadas circunstâncias presentes no contexto laboral que podem causar agravos a saúde dos trabalhadores.

Além disso, Zanelli (2002) afirma que diante das transformações vivenciadas no mundo contemporâneo, os gestores devem sempre identificar e promover as adequações necessárias de seu grupo, a fim de possibilitar o desenvolvimento de equipes de alto desempenho. Para isso, é necessário elucidar os valores e elaborar estratégias interligadas com as habilidades, saberes e atitudes dos trabalhadores. Dessa forma, o autor completa que para a permanência da organização é preciso flexibilidade interna e eficiência, conexão com os acontecimentos no ambiente de trabalho e ações de alavancagem. Sendo imprescindível o reconhecimento e apoio aos colaboradores, bem como a promoção de programas de treinamento e desenvolvimento e ações que objetivem a saúde, bem-estar e qualidade de vida dos mesmos.

Ainda de acordo com o autor, o psicólogo no âmbito organizacional pode contribuir inclusive no processo de encorajamento dos gestores ao fazer escolhas e/ ou decisões conscientes de suas ações. Entretanto, Zanelli (2002) destaca a necessidade da constante capacitação, uma vez que a formação profissional e o exercício da atuação do psicólogo organizacional mostram-se deficientes, uma vez que durante o curso de formação a maior parte dos conteúdos disponibilizados dentre as disciplinas estão relacionados à área clínica. Diante disso, o autor relaciona a escassez de materiais e pesquisas acadêmicas referentes ao campo de Psicologia Organizacional e do Trabalho, apontando ainda o despreparo na atuação

profissional, sendo que a maior parte atividade encontra-se voltada apenas para a seleção e orientação profissional, caracterizando assim, a formação restrita, ultrapassada e precária.

Cabe então a reflexão que, devido à falta de qualificação, muitos profissionais ao se ingressarem no mundo do trabalho não conseguem progredir. Uma vez que não foram preparados para o exercício nas organizações. Isso tudo, mostra o quão ineficaz e frágil é o sistema de ensino voltado para a atuação de psicólogos no âmbito organizacional, precisando os profissionais se inscreverem em especializações para obterem um conhecimento que deveria ser oferecido durante a graduação.

Logo, Zanelli (2002) reitera que a fragilidade no sistema se deve ao fato da explícita preferência do psicólogo pelo âmbito clínico. Sendo essa identificação influenciada pela pressuposta semelhança com as profissões liberais.

Conforme aponta Ferreira (2008) os indicadores críticos referentes aos impactos ocasionados aos trabalhadores são marcados por: absenteísmo crônico, resultando no aumento da carga de trabalho daqueles que ainda continuam trabalhando; crescimento do número de acidentes de trabalho dentro das organizações, em consequência são apresentados os efeitos negativos, tais como: amputações, limitações temporárias e permanentes, aposentadorias precoces, afastamentos das atividades, crescimento exacerbado dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), rotatividade de trabalhadores - devido à precarização do trabalho.

Segundo o autor, isso tudo ocorre e possui relação com problemas relacionados a produção, como: erros constantes na realização das tarefas, decorrentes especialmente de condições precárias de trabalho, como: iluminação inadequada, postura inapropriada somada a repetitividade das atividades, jornadas de trabalho prolongadas marcada por ritmos excessivos de trabalho, como também da formação profissional deficiente; danificação de equipamentos, em consequência de procedimentos inadequados, o que resulta em aumento de custos, insatisfações e acidentes e/ ou adoecimento dos trabalhadores. Para a empresa, a queda na redução de produtividade e da qualidade dos produtos e serviços resulta principalmente na diminuição do lucro. Ferreira (2008) cita também os impactos relacionados aos usuários e consumidores que em linhas gerais estão relacionados a reclamações da qualidade dos serviços e produtos, de forma a comprometer o crescimento sustentável e a fidelização do cliente, como também colocando em risco a tão incentivada competitividade.

Dado o exposto, pode-se constatar que o adoecimento pode gerar inúmeros prejuízos não apenas para o trabalhador, mas também para a organização e sociedade em geral, já que demanda da empresa, despesas médicas e afastamentos, consequentemente, treinamento de

outros funcionários e frustração da equipe, que pode apresentar desmotivada diante das circunstâncias e com isso aumentar o número de absenteísmos, o que gera redução de produção e mais custos para a organização. Em outras palavras, pode-se dizer que além dos impactos psicossociais envolvendo os trabalhadores acometidos pela lesão, há também impactos econômicos e prejuízos para as empresas.

Para tanto, a aplicação da análise ergonômica no ambiente de trabalho se faz necessária, já que apresenta uma ampla visão acerca dos riscos envolvidos durante a atividade, de forma com que eles possam ser prevenidos, garantindo assim a segurança e saúde dos trabalhadores, bem como o aumento da produtividade e qualidade dos produtos.

Jackson Filho (2004) aborda em seus estudos a obra de Alain Wisner (2004), tendo em vista as suas contribuições na compreensão do trabalho a partir da análise ergonômica do trabalho (AET). À vista disso, retrata a eficácia da abordagem para entender e explicar as relações entre saúde, trabalho e desempenho. Logo, o autor menciona que dentre as características fundamentais da análise ergonômica do trabalho é remetida a análise e investigação acerca da complexidade, ou seja, refletir sobre o contexto do trabalho e seus fatores determinantes, a fim de transformá-lo.

Além disso, no decorrer do artigo são apontadas uma das muitas propriedades da AET, dentre elas destacam-se: A primordial idade da análise da demanda, uma vez que por meio desta os ergonomistas podem compreender o problema a ser tratado; a necessidade da adoção de técnicas de observação e de entrevistas de autoconfrontação. Para isso, aponta para a atenção em considerar as diferentes concepções acerca do problema, dando visibilidade as demandas apresentadas pelos trabalhadores, a partir da caracterização do trabalho real. Portanto, é preciso entender que as influências que perpassam a atividade de trabalho, não se concentram apenas por fatores internos ligados à empresa, mas também à condições externas, relacionadas a fatores culturais, econômicos, políticos e sociais. Dessa forma, pode-se dizer que a abordagem apresenta contribuições tanto para a saúde dos trabalhadores, como para o desenvolvimento da eficiência dos sistemas de produção.

A análise ergonômica do trabalho está disposta na Norma Regulamentadora 17 – NR17, firmada na legislação brasileira sobre saúde e segurança dos trabalhadores, tendo por objetivo central a redução do crescente número de acidentes e adoecimentos relacionados ao contexto de trabalho, visando especialmente a transformação das condições de trabalho no Brasil que repercutem em diversos danos à saúde, especialmente referentes as LER/DORT. Para isso, implementam no desenvolvimento de ações destinadas a promoção da qualidade de

vida dos trabalhadores pautadas na adaptação do local de trabalho as características psicofisiológicas destes.

Logo, Silva Emília Pio et al.(2013) explicam que as LER/DORT possuem relação com as transformações no mundo do trabalho, uma vez que, com o surgimento de novas tecnologias e sistemas de produção, pautadas pela intensificação do trabalho, houve um aumento significativo no estabelecimento de metas e produtividade, e com isso, os limites físicos e/ou psicológicos dos trabalhadores não são considerados. Além disso, afirmam que o trabalho ocasiona impactos diferentes em trabalhadores expostos às mesmas condições de trabalho, em consequência de fatores organizacionais e psicossociais. Portanto, dentre os aspectos organizacionais, compreende-se: turno noturno de trabalho, hora-extra, posturas inadequadas, repetitividade e pausas mal definidas. Já nos fatores psicossociais, inclui-se: nervosismo e irritação decorrente das tarefas, exigência de atenção, concentração e responsabilidade, falta de reconhecimento da empresa, ausência de atividade de lazer e insatisfação salarial. À vista disso, os autores complementam que as análises ergonômicas precisam considerar as ações relacionadas ao ambiente, postos de trabalho, organização e aos fatores psicossociais do trabalho, não somente os fatores biomecânicos.

Mergener et al. (2008) acrescenta que conviver com lesões por esforços repetitivos em um contexto de trabalho marcado por constantes sobrecargas, competitividade, expectativas e projetos profissionais frustrados gera cada vez mais sofrimento físico, mental e social desses trabalhadores. Além disso, o autor afirma que quando o trabalhador passa a maior parte do seu tempo ocupado com os afazeres da empresa, tem sua vida pessoal prejudicada. Além do mais, destaca que a falta de reconhecimento vivenciada pelos trabalhadores, acarretam impactos que vão além do contexto laboral e das relações de trabalho.

Com isso, Codo (1985) menciona que o homem alienado é destituído de si mesmo, uma vez que se perde quando deveria se identificar, desconstrói-se ao invés de estar se construindo e por fim desconhece a si mesmo quando deveria se reconhecer. Logo, o autor reitera que o trabalho estabelecido no sistema de produção industrial, pode ser sinônimo de tortura, já que o homem está cada vez mais submisso e alienado as pretensões organizacionais. Além disso, reflete que com a introdução do capitalismo, o trabalhador já não faz parte do processo, isto é, não tem conhecimento acerca do produto que produz o que de certa forma impossibilita o reconhecimento e identificação com o objeto.

Em outras palavras, pode-se dizer que na sociedade pós-industrial marcada pelo final do século XX e início do século XXI, verifica-se a fragilização e precarização das condições

de trabalho, resultantes dos avanços tecnológicos e da transformação do capitalismo industrial em financeiro. Nesse sentido, o trabalhador não tem conhecimento acerca do processo de produção, dado que, passa a ser manipulado e submisso às regras e normas da organização ao atender as demandas físicas, sociais, químicas e de diferentes ordens que a condição de trabalho traz à sua vida. (MERGENER; KEHRIG; TRAEBERT, 2008).

Diante disso, Codo (1985), salienta que em meio à busca incessante pelo aumento da produtividade, tendo em vista o lucro, ocorre a transformação do próprio trabalho em mercadoria que é vendida e apropriada como qualquer outra. Essa preocupação demasiada pela redução de custos e desperdícios intensifica o processo de exploração e alienação do trabalhador.

Por sua vez, Santos e Napomuceno (2000) reafirmam que como resultado dessas transformações, ocorrem impactos na subjetividade dos indivíduos, uma vez que renunciam a sua individualidade em prol de valores, identidade e determinações das organizações.

Logo, Morgan (1996), declara que as organizações são pensadas, planejadas e operadas, comparando-as com uma máquina. À vista disso, menciona a forma mecanicista de pensamento de algumas organizações, caracterizando-as como organizações burocráticas, uma vez que são marcadas por: estrutura rígida e organizativa, hierarquia e relações impessoais, com regras e procedimentos, divisão de tarefas e especialização do trabalho.

À vista disso, cabe a correlação com o filme: “Tempos Modernos” - escrito e dirigido por Charles Chaplin, uma vez que no decorrer do filme é apresentado a revolução industrial, marcada pela produção em série. A partir de então, cabe uma crítica ao funcionamento do sistema capitalista e ao modo de produção industrial, posto que são considerados apenas os lucros obtidos baseados no incremento da produção. Como consequência dessa realidade, os trabalhadores são cada vez mais desumanizados frente às condições precárias de trabalho.

Portanto, fica evidente na obra cinematográfica a implantação do modelo Taylorista de produção, onde a preocupação central era especificamente com o aumento da produtividade. De modo, a ser evidenciado a divisão do trabalho, das tarefas, bem como a separação dos cargos. Logo, cada operário era responsável por uma etapa do processo produtivo, o que implica na falta de identificação com o produto final, já que os trabalhadores não tinham controle e/ou conhecimento de sua participação no processo produtivo.

O personagem de Charles Chaplin, representado pelo operário Carlitos, exerce um trabalho repetitivo em meio a uma realidade de exploração e opressão do trabalho, visto que todos os seus comportamentos são controlados e/ou monitorados pelo chefe. Em decorrência dos movimentos repetitivos realizados durante a tarefa, Carlitos mesmo fora do contexto de

trabalho, desempenhava os mesmos comportamentos executados durante a atividade, retratando a alienação do operário. Com isso, destaca-se a menor possibilidade do personagem se identificar com o produto final, visto que não houve conhecimento das etapas do processo de produção. Dessa forma, pode-se dizer que todos esses fatores, entre eles os riscos ergonômicos evidenciados durante as cenas, tiveram forte contribuição para o adoecimento de Carlitos.

Através do filme é possível identificar a precariedade nas condições de trabalho, tais como: controle rígido durante execução das tarefas, intervalos de tempo inapropriados, sem descanso físico e mental - nem mesmo tempo para realizar as refeições de forma tranquila, repetitividade das tarefas, longas jornadas de trabalho, dentre outros.

Desta forma, pode-se dizer que a realização do trabalho em tais condições não só comprometia como também favorecia o surgimento de doenças físicas e psicológicas, o que atualmente é caracterizado como doenças ocupacionais e acidentes de trabalho. Deste modo, cabe a reflexão que o homem é contratado para operar máquina e precisa se comportar de maneira predeterminada, não sendo autorizado realizar sua capacidade de simbolizar, isto é, fica vedado ao trabalhador expor seus anseios, pensamentos, criatividade e/ou inovações.

Diante disso, acredita-se na necessidade das empresas levarem em consideração as singularidades dos trabalhadores, uma vez que estes poderiam contribuir de forma significativa para a organização, posto que um trabalhador satisfeito produz mais, se compromete mais e assim evita o número de absenteísmos.

Ferreira (2015) pontua que a Análise Ergonômica do Trabalho (AET) dispõe como objetivo central, melhores condições do ambiente de trabalho. Portanto, propõe-se analisar os riscos ergonômicos do posto de trabalho e assim, apresentar soluções ergonômicas para minimizar ou extinguir os riscos presentes.

Dentre as vantagens do emprego da AET para a saúde do trabalhador, aponta-se para o entendimento de um trabalho mais humanizado, que leva em consideração as necessidades e qualidade de vida do trabalhador. Já para a empresa, como resultado benéfico, ressalta-se: aumento da produtividade, diminuição de gastos referentes a indenizações e multas, redução de impostos e o reconhecimento da marca.

A fim de assegurar melhores condições referentes ao ambiente de trabalho, foi criado a Norma Regulamentadora 17 (2007) que visa especialmente garantir: ambiente e organização de trabalho adequado, equipamentos de proteção eficientes, ferramentas e a forma correta de levantar, transportar e descarregar materiais. Sendo necessário, portanto, que a empresa elabore um estudo ergonômico para preservar à saúde dos trabalhadores.

Dado o exposto, compete dizer que a prevenção dos riscos ergonômicos além de uma necessidade é também uma determinação da legislação trabalhista brasileira que tem como propósito assegurar e resguardar a saúde do trabalhador. Diante disso, observa-se que o impacto decorrente das precárias condições de trabalho é fator bastante preocupante e agravante, tanto que motivou a criação de regulamentações acerca deste problema.

Entretanto, conforme apontam Ruiz e Araújo (2012) as medidas normativas ou prescritivas de reconhecimento e controle dos perigos, apesar de possuírem a sua importância, por si só não são suficientes para explicar os riscos não “objetiváveis”, isto é, não são capazes de explicar aquelas condições de trabalho que influenciam na saúde das pessoas por meio de mecanismos psicológicos e fisiológicos. Na maior parte das vezes esses riscos ocorrem na tentativa de simplificar a tarefa. À vista disso, os autores salientam que na maior parte das vezes, as condutas em saúde e segurança do trabalho, surgem de uma análise estática do posto de trabalho, sem considerar a complexidade e a dinâmica que compreendem as situações reais da atividade. Assim, acabam por ignorar a defasagem entre o trabalho prescrito e o real, bem como o saber proveniente das experiências adquiridas pelos trabalhadores. Logo, afirmam que apesar de tais medidas serem elaboradas na maioria das vezes por técnicos especializados, quem lida diariamente com a tarefa não tem nenhuma ou quase nenhuma participação durante o processo.

Daniellou, Laville, Teiger (1989) indicam em seus estudos a diferenciação entre o trabalho prescrito e o trabalho real. A partir de então, compreende-se a tarefa como o trabalho prescrito, isto é, desempenhar a função estabelecida ao ser empregado, sendo aquilo que a empresa determina como o trabalho que deve ser realizado, como: as regras e normas estabelecidas, o modo de manusear as ferramentas e máquinas, o tempo permitido para cada procedimento, dentre outros regimentos. Já a atividade, é definida como o trabalho real, ou seja, aquilo que o trabalhador faz para concretizar as obrigações dispostas na tarefa. É a atividade que o trabalhador realiza em seu cotidiano. Diante disso, os autores refletem que em nenhum momento o trabalho prescrito coincide precisamente com o trabalho real. Assim, pode-se dizer que são envolvidas estratégias de adaptação por parte dos trabalhadores para adequar o trabalho prescrito as situações e/ou condições reais de trabalho.

Dessa forma, por meio da abordagem da Ergonomia da Atividade é tencionada a compreensão e a explanação acerca do trabalho prescrito e do trabalho real. Certificando contribuições para o entendimento sobre o modo como os trabalhadores vivenciam as contingências do meio. Logo, percebe-se a ergonomia como um importante instrumento no processo produtivo, uma vez que ao tencionar melhores condições de trabalho, priorizando a

qualidade de vida do trabalhador, atinge os objetivos organizacionais, relacionados ao aumento da produtividade, redução do absenteísmo, custos e afastamentos, como possibilita a credibilidade e o reconhecimento da empresa no mercado de trabalho.

A partir disso, entende-se que são muitas as variáveis presentes que influenciam na execução da atividade de trabalho. Por isso, torna-se importante estudar os riscos psicossociais, ergonômicos e organizacionais, compreendendo também a individualidade de cada ser, como único e susceptível a transformações. Como também, cabe a reflexão que se os trabalhadores fossem consultados acerca da atividade que exercem, suas opiniões, como o trabalho realmente acontece, poderiam contribuir na elaboração de estratégias para evitar possíveis acidentes no ambiente de trabalho, já que são eles que lidam diariamente na execução das tarefas. Dessa forma, entende-se a tarefa como algo coletivo, pois diferentes pessoas se reúnem para executar a mesma ocupação. Já a atividade é inerente ao indivíduo, uma vez que se refere à atuação própria de cada trabalhador.

Portanto, através das pesquisas de Daniellou, Laville, Teiger (1989), constata-se que a Ergonomia da Atividade se interessa pelas atividades realizadas pelo trabalhador, envolvendo aspectos, como: o modo como faz, como deve fazer, as operações estratégicas que utilizam para facilitar atividade, dentre outros. Assim, torna-se importante, considerar e/ou analisar: quem realiza o trabalho, o ambiente de trabalho, quais ferramentas utilizadas na execução da tarefa, qual intensidade de tempo, dentre outros. Uma vez que a segurança, a saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores serão determinadas pelo real da atividade.

Lida (2005) descreve as contribuições da ergonomia como o estudo da adaptação do trabalho ao homem. Dessa forma, enfatiza que o campo teórico da ergonomia abarca um conjunto de atividades de planejamento e projeto, que acontecem antes mesmo do trabalho ser realizado, como também durante e após a atividade. Assim, compreende-se muito além do ambiente físico, isto é, leva-se em conta também os aspectos organizacionais, visto que, conforme algumas medidas adotadas, como as decisões tomadas em nível gerencial, impactos são causados nas relações de trabalho.

Além disso, Zanelli (2002) aponta que os problemas organizacionais necessitam da intervenção de psicólogos que consigam encarar os desafios do contexto, bem como abdicar dos conhecimentos acumulados pela Psicologia tradicional. E que, apesar das mudanças causarem medos, desconfortos e incertezas, e através dessas que temos a oportunidade de aprender e ultrapassar os desafios impostos pela realidade, como também a possibilidade de compartilhar e trabalhar em equipe. Logo, o autor afirma que o diálogo no contexto de trabalho é fundamental, uma vez que propicia aos membros de um grupo o conhecimento de

diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto ou problema, assim como valores comuns. Ainda, permite o aprofundamento dos vínculos dos trabalhadores com a organização e com a equipe.

Em suma, Neves et al. (2018) abordam a necessidade de projetos de intervenção que permitam a comunicação e confrontação entre os saberes dos especialistas e os saberes dos trabalhadores, visando um processo de coaprendizagem a fim de ampliar as possibilidades de ações e transformações nos contextos de trabalho. À vista disso, os autores discorrem sobre a contribuição da autoanálise do trabalho, uma vez que através dessa compreensão, haverá possibilidade para o desenvolvimento de competências do trabalhador, o que viabilizará a formulação de propostas alternativas e estratégicas de adaptação do prescrito às situações reais de trabalho vivenciadas por ele.

Dado o exposto, percebe-se que se faz necessário a interlocução dos especialistas com os trabalhadores, a fim de formular estratégias acerca de pesquisas e intervenções que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida no trabalho, bem como um melhor desenvolvimento da performance profissional.

Neste sentido, Neves et al. (2018) relacionam a contribuição da Ergonomia da Atividade (E.A) diante da elaboração de ações formativas e a correlação na perspectiva de transformações das situações de trabalho que favoreçam a saúde do trabalhador.

Portanto, faz-se necessário abranger de forma sucinta a contribuição da Clínica da Atividade (C.A), a fim de completar os fundamentos acerca da questão-problema, uma vez que possuem propósitos parecidos, ao tencionarem a promoção da qualidade de vida no trabalho, mediante a análise das situações de trabalho. Deste modo, conforme os apontamentos realizados por Clot (2006) pode-se dizer que os pontos de convergência entre a Clínica da Atividade e a Ergonomia, é justamente a observação da atividade de trabalho no intuito de transformá-la, visando uma melhor qualidade de vida no trabalho e maior produtividade. Para isso, ambas as metodologias, destinam-se a adaptação do trabalho ao homem e não o contrário. Nesse sentido, pretendem considerar e analisar a disfunção do contexto, da organização do trabalho, considerando-se melhores condições de trabalho.

De acordo com Clot (2006) a relação entre a clínica do trabalho e a Ergonomia da Atividade baseia-se na busca constante em modificar o trabalho. Portanto, são consideradas ferramentas práticas de intervenção que visam desenvolver procedimentos técnicos que se destinam à compreensão das situações de trabalho, envolvendo aquilo que o trabalhador faz perante aquilo que lhe é pedido.

Em síntese, entende-se que essa linha de pensamento também traz vários subsídios, especialmente na compreensão das repercussões que o trabalho pode causar na vida do trabalhador.

Portanto, segundo o autor a diferenciação entre as duas metodologias consiste no fato de que na Clínica da Atividade, a atividade e a subjetividades são inseparáveis. Deste modo, interessa-se pela ação dos coletivos, compreendido como recurso para o desenvolvimento da subjetividade do próprio indivíduo. Sendo assim, considera que a atividade real encontra-se para além da atividade realizada. Logo, o autor reitera que a atividade abrange tudo aquilo que foi realizado, como também aquilo que não foi realizado. Ou melhor, a atividade não é considerada uma mera operação, mas sim o que foi feito e o que deixou de ser.

Além disso, Clot (2017) afirma que a Clínica da Atividade é considerada uma metodologia que tem como perspectiva a análise e a intervenção sobre o trabalho, isto é, compreende as situações de trabalho, com base em métodos indiretos de intervenção, como: instrução ao sócio e autoconfrontações, a partir da percepção dos trabalhadores acerca da atividade. Assim, através dos procedimentos é possível a reflexão sobre o trabalho e a realidade dos trabalhadores, uma vez que viabiliza a descrição de suas atividades aos seus semelhantes.

Nesse sentido, o autor pontua que a atribuição e aplicação das técnicas são importantes para dar visibilidade aos profissionais envolvidos com a atividade. Assim, estes possuem participação e favorecem com os seus conhecimentos, aspectos acerca da atividade real. Logo, a partir da execução desses métodos, consegue-se identificar a controvérsia profissional entre os conhecedores, sem a presença da hierarquia. Logo, Clot (2017) completa que, as técnicas são utilizadas como instrumentos de intervenção para facilitar o acesso dos sujeitos ao real da atividade. A fim de alcançar e/ou compreender algo que não tinha sido analisado antes. De modo que, sejam consideradas também as atividades que não foram realizadas ou até mesmo aquilo que não foi dito. Isto é, a atividade real vai muito além daquilo que podemos observar.

A partir de então, percebe-se que é necessário levar-se em consideração aspectos acerca da atividade real, a fim de refletir sobre as consequências destas para a saúde do trabalhador.

Diante disso, o autor afirma para a importância do trabalho cuidado para a saúde dos trabalhadores, dentro e fora da organização. Assim, pode-se entender que por meio da metodologia da Clínica da Atividade tem-se em consideração a análise conjunta da atividade, visando transformações no contexto de trabalho a fim de propiciar melhores condições de saúde e qualidade de vida do trabalhador. Portanto, o autor enfatiza a importância do

trabalhador se identificar com algo, como: um produto, uma história em comum, uma técnica, uma marca, uma linguagem, uma ocupação e não apenas ser reconhecido por alguém, uma vez que sem esse “algo” o trabalho não apresentará sentido.

À vista disso, Clot (2006) destaca a abordagem como uma clínica da transformação, onde o trabalhador tem a possibilidade de desenvolver sua capacidade de agir. Logo, refere-se a um diferencial ao retratar uma psicologia do desenvolvimento da ação praticada dentro do contexto laboral. Afirmando-se a importância da subjetividade no real da atividade.

A partir desse ponto, é possível correlacionar a visão sócio-histórica, uma vez que também compreende o homem como um ser em movimento, capaz de intervir na própria história. Assim, busca-se entender aspectos relacionados a subjetividade, para captar as influências que apresentam e que por sua vez refletem no contexto organizacional. Logo, percebe-se a atividade de trabalho não somente como um processo de produção, mas também de subjetivação.

Aguiar (2000) faz menção aos princípios considerados por Vygotsky, apontando a importância da abordagem sócio-histórica em entender a constituição do sujeito e os processos de subjetividade. Nesse caso, a subjetividade apresenta um traço dinâmico, influenciado pelas condições sociais. Assim, pode-se dizer que a teoria apresentada fornece subsídios para compreender, mediante análise e estudo das categorias ontológicas aspectos da Atividade, Consciência e Subjetividade.

Logo, de acordo com a perspectiva sócio-histórica, o homem é um produto histórico, passível a mutações, uma vez que é um ser em movimento e inerentemente social. Em razão disso, a partir dessa visão compreende-se o homem com base na teoria marxista, isto significa que, o homem constrói e é construído, é produto e produtor de sua história, estabelecendo-se mutuamente através das relações sociais. Portanto, Aguiar (2000) afirma a necessidade de adotar uma visão de indivíduo concreto, sendo assim, o mesmo deve ser compreendido em sua singularidade. Para isso, reitera a necessidade e a importância do profissional de psicologia no entendimento desse processo, abarcando a condição social e histórica do sujeito, bem como suas relações e convicções.

Ao estabelecer relações com a natureza e com outros indivíduos, o homem constitui-se de modo factual como humano por meio do trabalho. Isto é, ao se apropriar das tarefas do mundo e adaptá-las, formando a relação sujeito/objeto, o homem se constrói. Uma vez que, através da atividade é possibilitado ao homem a simbolização ao criar e estabelecer formas de agir, pensar e sentir. Assim, destaca-se a capacidade do homem transformar o meio e/ou a

natureza por meio de suas atividades, e por consequência a transformação e criação de si mesmo e do outro.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que as doutrinas, Ergonomia da Atividade (E.A) Clínica da Atividade (C.A) e a vertente da Psicologia Sócio-Histórica propõem-se a desenvolver a função psicológica do trabalho coletivo a fim de planejar e/ou projetar novas possibilidades de pensar e agir, colaborando para melhores condições de trabalho e como consequência, melhorias em aspectos relacionados à saúde dos trabalhadores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar como as relações de trabalho contemporâneas podem impactar a vida e a saúde dos trabalhadores. Dessa forma, como subsídios para a compreensão da dimensão desses agravos, optou-se por uma vasta pesquisa na literatura, onde foram selecionados e analisados materiais publicados em artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, revistas acadêmicas, livros, dentre outros referenciais acerca da temática proposta.

Conforme apontam os estudos, as novas relações de trabalho são fortemente marcadas por avanços tecnológicos, os quais trazem suas contribuições, mas também alguns danos, especialmente a saúde e vida dos trabalhadores. Uma vez que, diante das transformações no mundo do trabalho, torna-se cada vez mais importante que os trabalhadores se especializem, para que não vivenciem as repercussões negativas da demissão e/ou desemprego em sua vida profissional e pessoal. Além disso, constata-se que muitas vezes esses trabalhadores acabam por realizar atividades que não condizem com seus conhecimentos e/ ou capacidades, apenas para garantir meios de prover a manutenção de sua subsistência. Com isso, nota-se o crescente impacto a saúde dos trabalhadores dentro do contexto laboral, visto que não possuem na organização espaço destinado a simbolização, ou seja, não é permitido ao trabalhador exercer a sua criatividade, expor os seus pensamentos e anseios, as suas contribuições diante a atividade, o que resulta em um trabalho cada vez mais alienado e adoecedor.

Nesse sentido, nota-se que o trabalho pode favorecer aspectos relacionados à saúde, quando está associado ao prazer, a satisfação e/ou motivação do trabalhador mediante condições adequadas de trabalho e sentimentos de reconhecimento e valorização. À vista disso, pode-se afirmar que o ambiente de trabalho apresenta importante nexos com a saúde do trabalhador. Nesse caso, é de suma importância à garantia de condições mínimas de trabalho, a fim de assegurar fatores relacionados à comodidade, segurança entre outros elementos que

viabilizem a realização do trabalho nas melhores situações. Dado que, o trabalho quando realizado em ambiente e/ou condições precárias repercute sobre o bem-estar do trabalhador, acarretando em inúmeras consequências para sua vida pessoal, como também, prejuízos para a organização, já que está terá gastos referentes a indenizações, absenteísmos e redução na produtividade, custos com afastamentos e contratação profissional, dentre outros impactos.

Por meio das pesquisas realizadas, percebe-se que muitas empresas se preocupam apenas com o capital financeiro, contendo a quantidade e qualidade dos serviços e produtos, esquecendo-se do principal, o fator humano, ou melhor, os trabalhadores que se sacrificam e dedicam as suas vidas e tempo em prol da empresa.

A partir desse ponto, fica a reflexão da importância de uma organização mais ética e humanizada, onde o homem tenha seu espaço e reconhecimento como agente de mudanças. Levando-se em consideração as contribuições que estes têm a oferecer para o desenvolvimento dos planejamentos e projetos envolvendo as atividades realizadas e contexto de trabalho. Até porque, uma organização não se firma exclusivamente pela parte econômica, há um conjunto de relações políticas e sociais que não devem ser deixadas de lado. Logo, a empresa ao ter em vista apenas a obtenção de lucros, deteriora-se, pois é descartada a possibilidade de inovação e criação que somente o homem é capaz de realizar. A máquina é predeterminada, segue os comandos dados pelo homem, não é capaz de sentir, muito menos de estabelecer relações sociais. Portanto, entende-se que a única forma de se alcançar avanços é através do fator humano, pois sem este não há conhecimentos suficientes e nem a progressão tecnológica. Diante disso, destaca-se a importância em pensar na tecnologia como uma aliada e não como uma forma de substituição.

O psicólogo organizacional e do trabalho, por sua vez, pode contribuir para melhorias nas relações e situações de trabalho, uma vez que ao intervir nos processos individuais e grupais é capaz de desenvolver estratégias para favorecer a garantia da qualidade de vida e saúde dos trabalhadores, como também tencionar sua atuação para o progresso da empresa. Para tanto, mediante aos desafios impostos pela deficiente formação profissional, oferecida durante a graduação, é necessário a continua capacitação, visto que os obstáculos são proeminentes. Devendo, portanto, as atividades e práticas ser realizadas em prol da saúde e qualidade de vida para além do ambiente de trabalho.

Além disso, ressalta-se a necessidade de medidas mais humanizadas da gestão, envolvendo todos os processos, desde a contratação até a demissão, como também medidas interventivas que visem eliminar e/ou minimizar os fatores de riscos que podem acometer à saúde dos trabalhadores devido aos riscos ergonômicos, psicossociais ou organizacionais

presentes nas relações de trabalho contemporâneas. Isto é, levar em consideração o planejamento estratégico, bem como as atividades relacionadas à saúde e segurança do trabalhador.

Torna-se relevante também, a inclusão e a participação dos trabalhadores nas discussões acerca da atividade, uma vez que são eles que defrontam diariamente com a ação. Assim, será possível incitar a constante reflexão, troca de experiências e aprendizados acerca da atividade real. Portanto, ampliam-se as possibilidades de maior e melhor engajamento e desenvolvimento da equipe e produtividade, respectivamente, como cria condições propícias para a saúde dos trabalhadores, uma vez que estes vivenciarão os sentimentos de valorização e/ou reconhecimento profissional ao poder contribuir com suas ideias e ações.

Assim, de acordo com os fundamentos da ergonomia, percebe-se a premência da preservação das condições básicas no ambiente de trabalho, para garantir a saúde e qualidade de vida dos trabalhadores, sendo que quanto mais acolhida essas necessidades, melhor será o desempenho e o comprometimento da equipe, resultando inclusive em benefícios para a própria empresa, dado que a partir da satisfação e/ou motivação dos funcionários há um incremento significativo na produção.

Utilizou-se dos preceitos da ergonomia para melhor entender os riscos psicossociais, ergonômicos e organizacionais relacionados ao trabalho e como esses podem impactar a vida dos colaboradores e como podem ser prevenidos. Logo, torna-se necessário a constante reflexão crítica por parte de todos os envolvidos, acerca da responsabilidade de sua atuação profissional e o impacto das suas decisões na vida das pessoas.

Diante do exposto, destaca-se que apesar da escassez de materiais publicados em torno da temática apresentada, sob o enfoque do referencial da Ergonomia da Atividade, foi possível articular os conhecimentos obtidos e compreender que através dessa abordagem é possível prevenir o número de acidentes e o aparecimento de adoecimentos dentro do contexto laboral. Uma vez que, mostra-se como um importante instrumento de intervenção que atua na relação entre o homem e o ambiente de trabalho. Tendo como objetivo central, assegurar as melhores condições de trabalho a fim de promover uma melhor qualidade de vida dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERGO, Associação Brasileira de Ergonomia, 2000. **O que é ergonomia**. Disponível em: http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia. Acesso em: 10 de maio 2020.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência". **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 110, p. 125-142, Jul. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. Disponível em: <<https://britto964.files.wordpress.com/2013/06/o-que-c3a9-trabalho-suzana-albornoz.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

BACKES, A. L. Trabalho e subjetividade: sofrimento psíquico em contexto de mudanças organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 6, n. 14, p. 117-138, 2012. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1623/981>. Acesso em: 12 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **LER e DORT são as doenças que mais acometem os trabalhadores**. Disponível em: < <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45404-ler-e-dort-sao-as-doencas-que-mais-acometem-os-trabalhadores-aponta-estudo>>. Acesso em: 15 de maio 2020.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Manual de aplicação da Norma Regulamentadora nº 17**. 2.ed. Brasília: MTE, 2002.

CAMPOS, Márcio de; SARAIVA, Luiz Alex Silva. **O TRABALHO, SUAS REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS: DA DEMISSÃO À RECONTRATAÇÃO DE TRABALHADORES** DOI - 10.5752/P.1984-6606.2014v14n36p31. Revista Economia & Gestão, Belo Horizonte, v. 14, n. 36, p. 31-56, out. 2014. ISSN 1984-6606. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/P.1984-6606s.2014v14n36p31>>. Acesso em: 21 maio 2020.

CLOT, Yves. **Clínica da Atividade**. Rev. Horizontes, v. 35, n. 3, p. 18-22, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/viewFile/526/239>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CODO, Wanderley. **O que é alienação**. 2ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

DACHERI, Emanuelli; GOLDSCHMIDT Rodrigo. **O impacto da tecnologia nas relações de trabalho: uma análise à luz da teoria da eficácia horizontal dos direitos fundamentais inespecíficos dos trabalhadores**. Rev. de Direitos Fundamentais nas Relações do Trabalho, Sociais e Empresariais, Maranhão, v. 3, n. 2, p. 66-87, jul/dez 2017. Disponível em:

<https://www.indexlaw.org/index.php/revistadireitosfundamentais/article/view/2297/pdf>. Acesso em: 15 maio de 2020.

DANIELLOU, F., LAVILLE, A.; TEIGER, C. Ficção e realidade do trabalho operário. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. v. 17, n. 68, out/nov/dez 1989. Disponível em: <https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/989547/mod_resource/content/1/Ficcao%20e%20realidade%20do%20trabalho%20operario%20-%20Daniellou%2C%20Laville%20e%20Teiger%201989.pdf>. Acesso em: 15 jun.2020.

Entrevista: Yves Clot. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 9, n. 2, p. 99-107, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2020.

FERREIRA, Leda Leal. **Sobre a Análise Ergonômica do Trabalho ou AET**. *Rev. bras. Saúde ocup.* São Paulo, 40 (131): 8-11, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbso/v40n131/0303-7657-rbso-40-131-8.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

FERREIRA, M. **A ergonomia da atividade se interessa pela qualidade de vida no trabalho?**: Reflexões empíricas e teóricas. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, v.11, n. 1, 83-99. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25792>, 2008. Acesso em: 18 maio de 2020.

FRANCO, Tânia. **Alienação do trabalho**: despertencimento social e desrenraizamento em relação à natureza. *Cad. CRH*, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 171-191, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2020.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 229-248, Dec. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 maio 2020.

JACKSON FILHO, José Marçal. Introdução: inteligência no trabalho e análise ergonômica do trabalho - as contribuições de Alain Wisner para o desenvolvimento da Ergonomia no Brasil. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 29, n. 109, p. 7-10, jun. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020.

KADOOKA, A.; EVANGELISTA, V. M. A.; SCHMIDT, M. L. G.; LUCCA, S. R. **Mundo contemporâneo do trabalho e adoecimento**: considerações sobre as ler/dort. *R. Laborativa*. v. 2, n. 1, p. 15-26, abr./2013. Disponível em: <<http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LHUILIER, D. **Clínicas do Trabalho**. Èrès: Ramonville Saint-Agne, 2006.

LIDA I. **Ergonomia Produto e Produção**. 2ª ed. rev. e ampl. Editora Edgard Blucher, São Paulo, 2005.

LOPES, Marcia Cavalcanti Raposo. Subjetividade e trabalho na sociedade contemporânea. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, p. 91-113, June 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462009000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2020.

MARQUES, Solange Vianna Dall'Orto; MARTINS, Gabriela de Brito; SOBRINHO, Oswaldo Cruz. Saúde, trabalho e subjetividade: absenteísmo-doença de trabalhadores em uma universidade pública. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 9, n. spe1, p. 668-680, jul, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512011000600012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2020.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. [1867] Vol. 1. 20 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MERGENER, C. R.; KEHRIG, R. T.; TRAEBERT, J. Sintomatologia músculo-esquelética relacionada ao trabalho e sua relação com a qualidade de vida em bancários do Meio Oeste Catarinense. **Revista Saúde e Sociedade**, v.17, n.4, 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902008000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 maio. 2020.

MESQUITA, S. M. M; SANTOS, C. M; MACHADO, L. S; RAMOS, L. F.C; MACÊDO, K.B. **Ergonomia, psicodinâmica e riscos**. Disponível: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1823>. Acesso em: 15 maio 2020.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

NEVES, M. Y. R; ALVAREZ D.; SILVA-ROOSLI, A. C. B ; MORAES, T. D.; MASSON, L. P; OLIVEIRA, V. A. N. Ação-formação: uma leitura das contribuições da Ergonomia da Atividade. **Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 112-120, maio-ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v30n2/1984-0292-fractal-30-02-112.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

ROHM, R.H.D.; LOPES, N.F. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cadernos EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 332-345, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v13n2/1679-3951-cebape-13-02-00332.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, editorial, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2020.

RUIZ, Valéria Salek; ARAUJO, André Luis Lima de. Saúde e segurança e a subjetividade no trabalho: os riscos psicossociais. **Rev. bras. saúde ocup.** São Paulo, v. 37, n. 125, p. 170-180, Jun 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572012000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: on 18 maio 2020.

SANTOS, A.C.B.; NEPOMUCENO, L.H. **Tecnologia, Processo de trabalho, Controle, Subjetividade:** Crítica das Intervenções Tecnológicas no Lócus do Trabalho. Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, V, 2008. Belo Horizonte. Anais do V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Belo Horizonte: 2008. Disponível em:

<<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEO36.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Edith et al. O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 187-191, Dec. 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2020.

SILVA, Emília Pio et al. Fatores organizacionais e psicossociais associados ao risco de LER/DORT em operadores de máquinas de colheita florestal. **Rev. Árvore**, Viçosa, v. 37, n. 5, p. 889-895, out. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-67622013000500011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 maio 2020.

SIMABUKULO, L. A. N. et al. **Energia, industrialização e modernidade: história social.** 2006. Trabalho de conclusão de disciplina (Graduação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.museudaenergia.org.br/media/63129/03.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2020.

SMARTLAB/MPT. Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho. **Observatório SST.** Disponível em: <https://smartlabbr.org/sst>. Acesso em: 15 maio 2020.

TEMPOS Modernos. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists/ Charles Chaplin Productions. C2005. DVD.

ZANELLI, José Carlos. **O psicólogo nas organizações de trabalho.** Porto Alegre, Artmed Editora S.A., 2002. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/46030884/zanelli-jose-carlos-o-psicologo-nas-organizacoes-de-trabalho-pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2020.